



Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes. Departamento de Artes Visuais.
Curso de Artes Visuais.

Título

PAISAGEM DA MINHA VIDA

Aluna

Suyê Wagner Zucchetti

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Laura Castilhos

Porto Alegre, 2010/01



Título

PAISAGEM DA MINHA VIDA

Subtítulo

UMA PROPOSTA DE INTERFERÊNCIA PLÁSTICA E
ARQUITETÔNICA EM NOVA PRATA/RS

Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais

Título para Bacharel em Desenho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Artes

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laura Gomes de Castilhos

Banca examinadora: Prof^a. Dr^a. Teresa Poester

Prof. Me. Alberto Semeler

índice

INTRODUÇÃO	
Surgimento da idéia.....	1-2
Liberdade Física e espiritual.....	3-6
Construção de paisagens.....	7-8
CONCEITO E DEFINIÇÃO.....	9-11
O LOCAL.....	12-14
REFERÊNCIAS HISTÓRICAS.....	15-23
CONTEMPORÂNEO.....	24-31
PROCESSO E FINALIZAÇÃO.....	32-38

Compreender um artista (ou sua arte) não é ter resposta para tudo a respeito da vida e de seu tempo, é ver com ele o que jamais teríamos visto. Pois a grande arte é fazer ver.

Michel Ribon.



agradecimentos

Este trabalho é mais que o final de uma etapa. Ele inicia uma busca por mais sonhos e mais objetivos. Ele não existe apenas como trabalho acadêmico, já faz parte da minha vida. Envolve a mim, meu cotidiano, meus principais interesses; assim como a quem auxilia, apóia e permite sua concretização.

Agradeço em primeiro lugar, toda minha família, que sempre apoiou minhas idéias e decisões. Em segundo, meu namorado e meus amigos, com o incentivo e as trocas de reflexões a respeito dos meus projetos. Agradeço também, a todos que ajudaram a tornar possível esta nova experiência; minha Orientadora, Laura, que não me orientou apenas, mas também defendeu minhas idéias e acrescentou ao trabalho.

Dedico minha pesquisa e minhas criações às pessoas que acreditam nas minhas escolhas e apóiam meus objetivos.

resumo

Este projeto objetiva evidenciar as relações existentes entre as Artes Plásticas e a Arquitetura. Essa relação se dá a partir de análises de obras de Land Art e Instalação, provenientes das Artes Plásticas, e do Paisagismo Contemporâneo, prática da Arquitetura. A arte aliada a outras áreas de conhecimento sempre foi meu incentivo de busca por informação e criação. A partir de referências de ambas as áreas, pretendo refletir sobre obras com semelhanças funcionais, estéticas e técnicas. O trabalho visa trazer a tona esta forte ligação que sobrevive ao passar de séculos, e que, sob meu ponto de vista, tem sido desvalorizada, esquecida e pouco explorada. No desenver, abordo a respeito do envolvimento do trabalho artístico com temas como Paisagem, Reflexão, Observação, Memória e Tempo.

Palavras-chave: Paisagem, Observação, Reflexão.

abstract

This project aims at identifying the links between the Arts and Architecture. This relation is given from the analysis of works of Land Art, from the Arts, and the Contemporary Landscape, practice of Architecture. The art combined with other fields of knowledge had always been my incentive for information seeking and creation. From references to both areas, I intend to reflect on work the similar functional, aesthetic and technical. The work aims to bring about this strong bond that survives the passing of centuries, and which, in my view, has been devalued, overlooked and underused. In Development, I aboard about the involvement of art with subjects such as Landscape, Reflection, Observation, Memory and Time.

Keywords: Landscape, Observation, reflection.



introdução

surgimento da idéia

Esta pesquisa surgiu de um interesse particular por áreas relacionadas ou que pudessem relacionar-se com as Artes Plásticas. No decorrer da pesquisa, procuro estabelecer conexões entre a arte e outras atividades que, superficialmente, não possuem ligação com o meio artístico.

O sentido das Artes Plásticas, de envolver por completo o usuário, de qualquer ideologia e qualquer cultura, fisicamente e espiritualmente, tem se perdido. Procuro promover a arte, não reduzindo seu campo de atuação a um único interesse, ambiente e único formato.

Este trabalho visa destacar a presença das Artes Plásticas em uma área em especial, a Arquitetura; a partir de análises de obras de arquitetos, designers, urbanistas, paisagistas e artistas. Procuro identificar elementos e referências artísticas que aparecem de forma clara e concreta na produção arquitetônica e paisagística e vice-versa. Após identificar esses elementos, selecionei para esta pesquisa, uma atividade com grande semelhança física, com fundamentos interligados e defendendo propostas afins em

trabalhos tanto arquitetônicos, quanto artísticos.

Para este trabalho, opto por tratar dessas manifestações semelhantes pelos termos: “PAISAGISMO CONTEMPORÂNEO”, proveniente da Arquitetura, e “LAND ART”, das Artes Plásticas; e uso o termo “PAISAGEM CONSTRUÍDA”, para referir-me de forma generalizada à prática do homem de interferir na paisagem que o rodeia.

Tendo em vista esta forte relação entre o Paisagismo Contemporâneo e a Land Art, destaco soluções, técnicas e elementos de uso comum entre ambas manifestações, a fim de compreendê-las e explorá-las melhor. Os elementos da natureza, reorganizados pelo homem, em prol de seu bem-estar físico e espiritual, com preocupação estética e procurando suprir necessidades cotidianas; natureza trabalhada pelo homem e para o homem, para ser apreciada e vivida, são conceitos ocorrentes tanto na “Land Art” quanto no “Paisagismo Contemporâneo”.



*Exemplo de Projeto de Paisagismo Contemporâneo.
Título: Conector Urbano.
Autora: Arq. Petra Blaisse
Milão. 2004. (Figura 1)*



*Exemplo de Projeto de Land Art.
Interferência artística na favela
Aldeinha. São Paulo. 2009.
Autor: Artista plástico Jean Paul
Ganem. (Figura 2)*

liberdade física e espiritual

O trabalho com a paisagem, parte da idéia de tratar da arte como solução para mente e corpo do ser – humano, e não apenas como simples objeto de ornamento. O estudo da paisagem construída, traz a tona pontos ligados com a arte, tratando-a como meio inspirador, espaço de meditação e de bem-estar físico e mental, assim como local de reunião e encontro de pessoas. Dentro do tema em questão, analiso a fusão entre conceitos diretamente relacionados à Arte Contemporânea, como soluções de estética, composição e observação, assim como conceitos de funcionalidade e suprimento de necessidades. Assim, opto por trabalhar com o “paisagismo artístico”, a “construção e montagem” de paisagens, com destaques a pontos focais, por tratar-se de uma arte ao mesmo tempo agradável à apreciação, de possível interação e de funcionalidade física, social, cultural e espiritual.



*A paisagem como lugar, espaço de reunião. (Figura 3)
Domingo a tarde na ilha de la Grande Jatte.
Georges-Pierre Seurat.
1884-1886 Art Institute of Chicago. EUA*

Outro aspecto relevante, que auxiliou na escolha do tema desta pesquisa, também está diretamente ligado às questões da contemporaneidade. O jardim e a paisagem, como forma penetrável na cidade e no cotidiano das pessoas, pode revolucionar as relações com o meio-ambiente e as atividades diárias do ser humano. É uma obra de arte que pode interagir com o espaço, a natureza ou a cidade, trazendo benefícios e qualidade de vida. A criação de novos espaços tem por objetivo reconfigurar a sociedade e as atividades humanas, preenchendo suas necessidades de forma sustentável e criando espaços de observação e reflexão. Da mesma forma, a Professora de Urbanismo Maria Elena Vieira, trata desta relação sustentável entre homem e natureza: “A arquitetura paisagística contemporânea está calcada sobre valores relacionados à proteção e à manutenção do meio ambiente; à maneira de pensar globalizante e ao entendimento das trilhas intelectuais do passado.”¹



Exemplo de projeto sustentável. Descontaminação e transformação de aterro sanitário em obra de Land Art. Autor: Artista plástico Jean Paul Ganem. Título: Jardin des Capteurs Montreal (Figura 4)

¹ VIEIRA, Maria Elena Meregé. *O jardim e a paisagem: espaço, arte, lugar*. São Paulo: Annablume, 2007, página 14.

Interessante também analisar a Paisagem Construída sob três pontos de vista diferentes. Em primeiro, como espaço de produção, seja ela artística arquitetônica ou cultural, tornando possível a inserção na sociedade de mais uma prática criativa. Em segundo, o espaço como objeto de arte; resultante da liberdade atingida pela contemporaneidade das Artes. Em terceiro, a paisagem como lugar, como local de encontro, de troca de sensações, de interação humana, de construção cultural; como um “lócus de sociabilidade”².

Gostaria de esclarecer, já neste momento introdutório, que o paisagismo hoje, considera a paisagem de forma geral, incluindo diversos materiais e soluções que não estão restritas apenas a criação com elementos orgânicos da natureza. Hoje, o paisagismo inclui técnicas e criações das mais diversas, podendo ou não evidenciar a presença de vegetação.



*Jardim do Paraíso.
Escola de Colonia, 1410.
Autor desconhecido.
Frankfurt. (Figura 5)*

² VIEIRA, Maria Elena Merege. *O jardim e a paisagem: espaço, arte, lugar*. São Paulo: Annablume, 2007, página 13.

Apesar desta atual liberdade artística, de permitir-se o trabalho paisagístico com materiais diversos, o capítulo intitulado *referências históricas* aborda principalmente a paisagem na forma de jardins tradicionais, justamente por quê esta liberdade só foi alcançada recentemente.

Opto por este tema de estudo e produção artística, por ele possibilitar um relacionamento entre ser humano e arte, ser humano e natureza. Trata-se de espaços que adquirem valor estético, simbólico ou funcional. O artista é então capaz de produzir interação e relação profunda entre seu espectador e sua obra. Tim Richardson trata desta conectividade no livro *Avant Gardners*: “Nossa experiência confere uma relação íntima com o lugar durante o próprio processo de reconhecer a beleza do espaço.”³

³ RICHARDSON, TIM. *Avant Gardners*. Nova York. Editora Thames e Hudson, 2008, em anexos complementares.

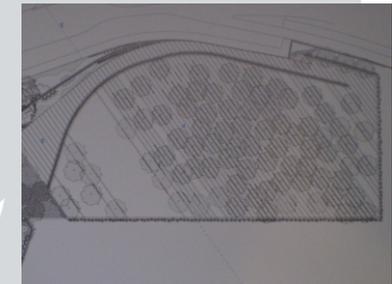
construção de paisagens

São muitas as associações que podem ser feitas ao jardim e à paisagem contemporânea. No desenvolvimento, serão analisados acontecimentos históricos, elementos e ideologias arquitetônicas, as relações urbanísticas, a arte e obras históricas que remetem ao tema, entre outros. Na Arquitetura, busco dados referentes a soluções de circulação, interação, organização e funcionalidade. Já o estudo do projeto condicionado às transformações do espaço/tempo, à própria paisagem natural, ao local em que está inserido, ao foco de observação são premissas estudadas por ambas as áreas, Arquitetura e Artes Plásticas. Na Arte, busco o destaque da conexão do ser humano com a obra, a interligação com o passado e a memória, entre outros.

Nos exemplos ao lado, é clara a conexão entre elementos artísticos e arquitetônicos. No primeiro caso (figura 06) o trabalho criativo, de geração de idéias, é executado com soluções artísticas, croquis de traços livres, espontâneos e abstratos, concomitante ao tema do projeto, que é arquitetônico.



*Croqui do Parque de Piedra Tosca.
Autoria: RCR Associados.
(Figura 6)*



*Projeto para Parque na França.
Autoria: Edouard François
(Figura 7)*

Na figura 07, apesar da expressão gráfica do projeto remeter a forma de trabalho da arquitetura; a idéia, a posição de objetos, e a forma como é trabalhada a composição estão mais ligadas a um tratamento artístico.

Sugiro a visão do artista como papel fundamental, relutando contra a idéia da natureza como força orientadora do projeto, e sim “uma natureza pre-



*A paisagem remetendo ao lazer e reflexão.
Campos de papoulas (giverny)
Claude Monet 1890.
Art Intitute of Chicago. EUA
(Figura 8)*

⁵ VIEIRA, Maria Elena Merege. *O jardim e a paisagem: espaço, arte, lugar.* São Paulo: Annablume, 2007, página 13.

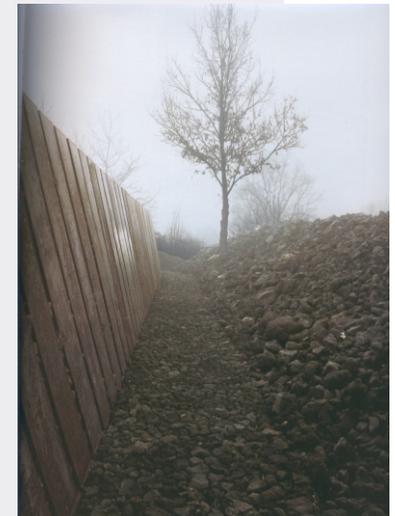


conceito e definição

conceito e definição

A construção de paisagens leva em consideração a localização específica da obra, o contexto social em que será inserida, os elementos pré-existentes no local, o espaço, a história e as modificações causadas pelo tempo. Paralelo à busca dos artistas plásticos por um público mais amplo, a criação artística passa a envolver-se com a paisagem, a natureza e o entorno urbano do ser humano. A diversidade cultural, o desenvolvimento tecnológico e o constante crescimento das cidades, frustram as tentativas tradicionais de organização e sistematização urbana. O espaço útil passa a admitir trabalhos artísticos diversos, com materiais diferentes e com idéias revolucionárias.

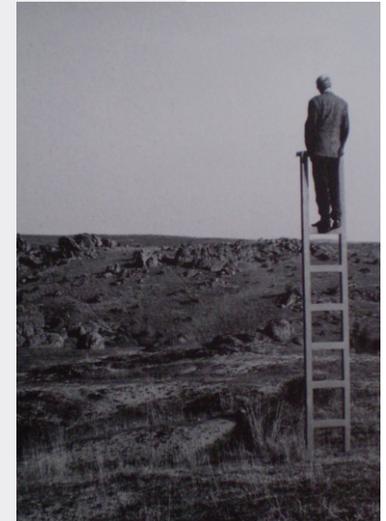
A maleabilidade da arte contemporânea, tem como instrumento uma grande diversidade de conceitos, capazes de adaptarem-se a quaisquer situações. A construção de paisagens, ou paisagismo artístico, pode ser associada a dois conceitos principais da arte contemporânea: a instalação e a land art. Sob o ponto de vista da instalação, o ato artístico deve lançar e inserir uma obra no espaço, trata-se da tentativa de construir um ambiente, cena ou paisagem, com o auxílio de materiais variados.



*Exemplo de paisagismo contemporâneo.
Arquitetos: RCR Associados.
Parque de Piedra Tosca
Espanha. 2003 a 2005
(figura 9)*

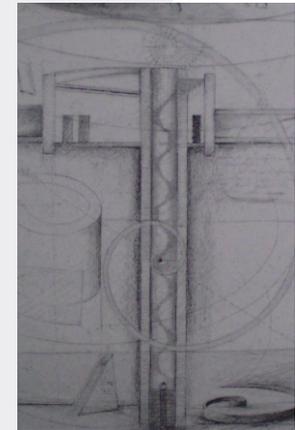
Outro ponto importante da construção de paisagens é a forma como ela interage com o espectador, trazendo a possibilidade da participação mais direta do espectador, que é dirigido a assimilar uma idéia, admirar a obra sob um ponto focal estabelecido, percorrer um caminho proposto e interferir na disposição de peças e objetos. A instalação também pode, ou não, contar com o imprevisto, o tempo e o contato do observador. A land art também estabelece relações com a paisagem, porém de forma mais ligada à paisagem do que ao espectador. A land art nega a paisagem intocada, que somente é captada pela fotografia ou representada pela pintura. Ela interage com a natureza, com os fenômenos naturais e com a ação do homem.

Este trabalho, além de analisar teoricamente questões referentes a arte e arquitetura, propõe a materialização da idéia através de uma land art relacionada ao paisagismo contemporâneo. Esta intervenção deve ser realizada ao ar livre, com elementos naturais existentes no local escolhido, agregados a outros objetos, também coletados em depósitos locais. O trabalho em espaço físico deve propor além de um



*Exemplo de instalação na natureza.
Artista: Christian Hasucha
Expedição LT28E
Turquia. 1992
(figura 10)*

foco de visão e admiração ao observador, uma trajetória ligada ao contato com as superfícies e texturas de materiais que estarão dispostos no local. Serão registradas as interferências naturais, assim como a montagem e as alterações sofridas, através de fotografias.



*Exemplo de land art.
Artista: Hannsjorg Voth
Espiral dourado
Marrocos. 1992 a 1996
(figura 11)*



o local



o local

O lugar onde sempre vivi, tenho recordações, tive experimentações e tenho ligações afetivas fortes, é sempre recorrente em meus trabalhos de arte, entre outras situações do meu cotidiano. Por caracterizar-se como um sítio, um espaço aberto, distante do centro urbano, rodeado por elementos de beleza natural e ainda assim estar tão aproximado de meus interesses e lembranças particulares, escolhi o Sítio da Família Zucchetti, na cidade de Nova Prata, Rio Grande do Sul, para desenvolver a parte prática deste trabalho artístico.

A região serrana, possui declives naturais, riachos, plantações típicas como a parreira, e diversidade de flora, sendo predominante a Araucária. Além de possuir uma beleza natural característica desta região, o espaço remete minha infância, minhas lembranças, minhas vivências. Conheço a área como conheço a mim. Além de afinidades com o espaço, chamo a atenção a elementos de maior apreço e interesse, como objetos guardados, objetos e elementos mais antigos



Fotos pessoais no local.

Foto 1: 1988

Foto 2: 1998

Foto 3: 2000

(Figura 12)

existentes em depósitos ou ao ar livre, sofrendo a ação climática e temporal. São elementos, objetos, tipologias naturais, espaços que possuem afinidade e que, concomitantemente, podem ser utilizados para composição e interferência que pretendo construir.

Tendo por definição de paisagem, um complexo de elementos que compõem e configuram um lugar determinado, tenho por objetivo reorganizar referências locais do sítio, de forma a proporcionar ao espectador um novo olhar sobre o local, com uma nova composição, destacando elementos e propondo um contato diferente com a paisagem. Da mesma forma que o desenho das cidades reflete as características da cultura que a produziu, objetivo transformar o espaço, loco escolhido, levando em consideração as determinantes do ambiente, não apenas suas características morfológicas e o entorno natural que o constitui, mas também relações subjetivas ligadas à minha



Fotos de pinheiro araucária encontrado no local. Março/2010 (Figura 13)

história neste local, ligadas a minúcias e detalhes que o tempo fez com que eu percebesse. Trata-se de uma transformação antrópica da paisagem natural em função do meu interesse artístico.

Com base no *modelo básico de proposta técnica* do livro Paisagismo no Planejamento Arquitetônico, de Carlos Augusto da Costa Niemeyer, proponho os seguintes passos processuais para o trabalho prático:

1. Estudo das áreas livres. Especificação e locação de espécies vegetais e elementos pré-existentes;
2. Escolha do local de implantação.
3. Trabalho projetual, geração de alternativas e soluções cabíveis ao espaço.
4. Especificações gerais para os trabalhos de preparo do solo.
5. Estimativas de custo para a execução dos serviços propostos.
6. Acompanhamento e execução da obra.
7. Registro das ações temporais.



Fotos do local.
Foto 1: vista aérea
Foto 2: vista no ano de 1995
Foto 3: vista no ano de 2010
(Figura 14)



referências históricas

referências históricas

Historicamente, a “paisagem construída”, já que aqui não trato da paisagem apenas como beleza natural, surge como obra coletiva, como relação do homem com a natureza em transformação. Visando compreender, praticar e estudar esta relação entre a paisagem e o homem, abordo a respeito da percepção e da necessidade do homem culminando na intenção de realizar intervenções no ambiente que o rodeia. Com o tempo, o entorno, o lugar de vivência, passa a ser considerado de forma simbólica, ser observado e estudado pela arquitetura, pela literatura e pelas artes, principalmente a pintura. É fato que desde seu surgimento, o jardim e a intervenção paisagística caminharam simultaneamente aos avanços artísticos e arquitetônicos. Apesar das mudanças culturais, perceptivas, ideológicas ao longo dos séculos, sempre foi uma necessidade do homem a intervenção na natureza em prol benéfico às suas atividades diárias.

É na arte, mais especificamente na pintura, que podemos acompanhar as mudanças de percepção do homem



Plano de um jardim egípcio

(Figura 15)

com relação à natureza. Inicialmente, a paisagem era expressa de forma secundária, como plano de fundo e cenário para retratos, pouco detalhada e com certa imprecisão. Já no século XV, a paisagem surge como gênero da pintura, sendo bastante desenvolvida. A natureza passa a ser modificada e submissa a ordem estética estabelecida pelo homem.

Na transição da crise da Idade Média, o Renascimento traz poesias e novas ideologias, conferindo maior valor a paisagem construída pelo homem, defende a reconstrução de uma nova vida a partir de novos princípios. Após a Idade Média, retoma-se a consciência em relação ao Belo e à Natureza. A noção de paisagem passa a fazer parte da cultura e passa a acontecer de forma racional e proposital. O lugar paisagístico surge como cenário de fins específicos, lugar inspirador e submetido a valores estéticos. As intervenções sobre a paisagem são harmônicas e conferem beleza a espaços comuns. Trata-se de tornar o espaço disponível e mais agradável às atividades cotidianas. A transformação da paisagem induz o homem a aprender a apreciá-la.



*Exemplo de pintura paisagística.
Lago próximo a Salisbury.
Constable (1776-1837)
Museu Albert, Londres.
(Figura 16)*



*Exemplo de paisagem como plano de fundo.
Autorretrato de Max Beckmann.
Florença 1907.
Hamburgo, Alemanha. (Figura 17)*

A intervenção na natureza surge primeiramente sob a forma de jardins. O homem intervém na paisagem natural, criando novos espaços para apreciação e com atuação importante em seu modo de vida. A reconstrução do meio e do entorno sugere uma nova forma de produção artística, acessível tanto às elites quanto às massas populares. O jardim e a intervenção na paisagem que rodeia o homem podem ser analisados como produção cultural e artística; simples, porém ao alcance de todos, podendo alterar no ser humano sua forma de ver e viver o mundo.

O artista como copiadador, a arte como mera reprodução da natureza, do real, são conceitos que se dissipam com o passar do tempo, o homem passa a olhar com maior prazer e atenção os pormenores da natureza. A pintura começa a retratar não apenas a paisagem, mas o progresso de transformação do homem, relacionando-se com a natureza, transformando com harmonia aquilo que o rodeia. A arte e a paisagem deixam de ser privilégio divino, o homem passa a interferir e adaptar o mundo e sua relação com ele.



*Primeiros jardins retratados.
Rubens e Helene no jardim.
Peter P. Rubens. (1577-1640)
Museu do Louvre, Paris.
(Figura 18)*

Essa evolução e libertação do homem no sentido de poder reconstruir seu espaço é corretamente resumida na frase de Kenneth Clarck:

“Os objetos naturais foram em primeiro lugar observados individualmente e simbolizando qualidades divinas. A etapa seguinte, em direção à pintura de paisagem, foi a sua observação como formando um conjunto que pudesse ser abrangido pela imaginação e que era no seu todo um símbolo de perfeição. Isto conseguiu-se com a descoberta do jardim.”⁶

Inicialmente a paisagem espelhava apenas valor estético e decorativo. O artista apenas representava objetos naturais. A medida que nos aproximamos da contemporaneidade, é possível perceber uma evolução do trabalho artístico em relação aos antigos paradigmas de funcionalidade da arte, podendo esta ultrapassar a superfície plana da tela, trazendo um novo olhar sobre o que já existe. O artista torna-se um descobridor, confere valor a coisas que compõem nossos espaços, traz prazer aos sentidos da vista olfato, assim como pode trabalhar com o paladar, os sons, o toque.

⁶ Frase de Kenneth Clarck.
1949

A transformação da paisagem, seja sob a forma de jardim ou sob a forma de instalação artística, constrói novos focos de visão sobre as coisas comuns, constitui novos espaços, sugere reflexões e outras formas de visualizar as coisas, o homem, a natureza.

O mundo selvagem é penetrado, transformado em local de busca pelo espiritual, de encontro, de reflexão, conhecimento, inspiração. A arte possibilita configurações agradáveis, que valorizam a observação ou conferem determinada função aos espaços. Impede que o mundo urbanizado, a tecnologia, as construções desenfreadas da cidade, destruam a beleza do mundo. O resgate de essências, a valorização da paisagem, a criação de espaços que intensificam a beleza natural, agradáveis ou que sugerem reflexões a respeito da vida e do mundo, fazem a cidade respirar, impedem que o homem absorva o mundo de forma superficial, clamam pela beleza minuciosa de cada objeto, cada forma, textura, cor, som.

O sentido de espaço altera-se com a evolução dos períodos e fases artísticas. Ora a paisagem é trabalhada como símbolos, ora aparece ligada a fatos e representa acontecimentos. O homem passa a dominar a natureza, algumas ameaças naturais podem ser controladas, e a paisagem é vista de forma fantasiosa, fantástica. A literatura, os cientistas e os artistas se propõem a decodificar e compreender a linguagem da natureza. A observação não confere apenas uma reconstrução do real, passa a transmitir conhecimento. No Impressionismo, a paisagem é retratada com maior intensidade, maior sensibilidade. Pintores como Monet, Pissaro, Manet e Renoir pintam de forma poética, criam jardins coloristas, lugares mágicos, realçam a beleza. A libertação das formas reais e valorização do poético são cada vez mais ocorrentes, como nas obras de Van Gogh e Joseph Turner. A nova interpretação da paisagem traz formas mais livres, cores intensas, linhas agitadas, luminosidade intensa, mancha, ritmo, movimento. O artista apaixonava-se pela natureza, confere beleza às coisas simples.

Na China o cuidado com a paisagem surge como manifesto sensível, expressada por monges, sábios, artistas e poetas. O paisagismo e a caracterização de ambientes externos eram considerados grandes obras de arte, capazes de relacionar-se com os usuários e observadores, transmitindo pureza, tranqüilidade e inspiração. Na Mesopotâmia, os espaços de natureza cultivada constituíam um terço da cidade, enquanto outro terço destinava-se aos templos religiosos e o outro aos conjuntos habitacionais. No Egito são criados espaços públicos e residenciais privados ao ar livre, agrupando variedades de espécimes e elementos arquitetônicos. No caso dos persas, seu planejamento paisagístico pode ser encontrado até hoje refletido nos famosos tapetes, que retratam a disposição de elementos naturais conforme ordens estéticas. Em ambos os casos a organização e composição desses espaços era desenvolvida com cuidados artísticos e estéticos, arquitetônicos e funcionais.

Essa dualidade de aspetos ocorrentes em diversos espaços criados pelo homem é referida por Marina Elena Vieira em *O jardim e a Paisagem*: “Quer tenha sido um lugar de recolhimento, paraíso voluptuoso ou espaço de teatralização, sempre alimentou-se de um conflito entre duas instâncias, ambas necessárias: o modelo arquitetônico e o modelo pictórico.”⁷

A intervenção da natureza, em alguns casos, acontece de forma efêmera, frágil às ações temporais; em outros, configura um espaço público, ou privado; a partir destas alterações do território é possível caracterizar determinado tempo ou cultura. A construção de paisagens, assim como jardins, está ligada ao tempo, como período histórico, aos fenômenos naturais, à história de locais e civilizações, ao espaço, ao terreno, à localização, às características geológicas e biológicas e ao usuário ou observador.

⁷ VIEIRA, Maria Elena Merege. *O jardim e a paisagem: espaço, arte, lugar*. São Paulo: Annablume, 2007, página 75.

Na atualidade, o paisagismo contemporâneo admite várias formas e materiais, o projeto leva em consideração o local de implantação e o modo como o ambiente influencia o indivíduo e a coletividade. O contemporâneo deve refletir sobre a forma que o homem vem alterando a natureza, a destruição de paisagens e espaços naturais, e encontrar soluções compatíveis com determinados locais e situações, resgatando a preocupação do homem pelo seu entorno que, diretamente, afeta sua qualidade de vida. Conceito explorado pelo escritor e filósofo Jean Starobinski, 1994, termos do livro Paisagem Construída: “A função superior dessa arte, aos olhos de alguns, teria sido a de realizar a perfeita reconciliação da natureza e da cultura, a de conseguir que o trabalho humano, em lugar de opor-se culposamente ao dado natural, favorecesse, pelo contrário, seu desabrochar (...)”⁸

⁸ VIEIRA, Maria Elena Merege. *O jardim e a paisagem: espaço, arte, lugar*. São Paulo: Annablume, 2007, página 231.



contemporâneo

contemporâneo

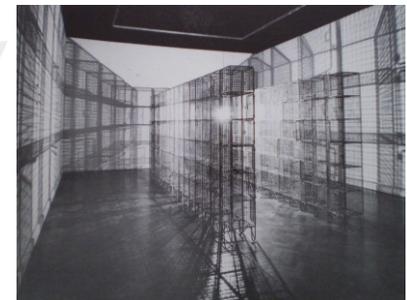
Os limites entre a arte e arquitetura estão cada vez mais dissipados, na medida em que seus objetivos e atitudes convergem. Este capítulo trata desta proximidade entre as áreas, que pode considerar-se crescente a partir das evoluções nascidas da Escola Bauhaus. É em 1919, que o arquiteto alemão Walter Gropius integra duas escolas existentes, a Escola de Belas Artes e a Escola de Arquitetura e Ofícios. O conceito da Bauhaus tem origem no movimento Arts and Crafts, do inglês William Morris, que procurou restabelecer a ligação entre o artesão e o criador. A Bauhaus ia além, também propunha a criação e produção aliadas a revolução tecnológica e a produção em série. É a partir daí, incentivada a relação entre artista moderno, artesão qualificado e tecnologia industrial.

É pertinente trazer a tona a ocorrência e o legado da Escola Bauhaus não apenas pela ligação entre arte e arquitetura, mas levando em consideração a tarefa e aprendizagem coletiva ligada a pintura, a música, a dança, a fotografia e ao teatro.

A idéia de Gropius além de revolucionar o design, a arte e a arquitetura, com idéias e soluções que perduram até a atualidade, revoluciona a atitude criativa, resgatando ligações de atividades e áreas de conhecimento, visando obter melhores resultados na produção artística. É a partir de ideologias mais flexíveis e concepções de arte livres de padrões esteticistas, nascidas no século XX, que conhecemos a Arte e outras áreas, com tantas possibilidades tal como é hoje. Não só a Bauhaus, mas também outros movimentos artísticos tratam da revolução estética e ideológica. É o caso das escolas minimalistas, que despem a arte até os elementos mais simples e puros, o expressionismo abstrato, cuja produção rompe técnicas e configurações tradicionais, a arte conceitual, que traz a idéia como tema de maior importância frente ao objeto de arte, e tantas outras ideologias e escolas artísticas, que participaram da evolução e abstração da arte, a ponto de libertá-la de técnicas, materiais e processos definidos.

Enfatizo aqui o caso da Escola Bauhaus, e suas influências, por ser uma escola que lutou pela mesma ligação e afinidade que trago a tona neste trabalho, entre artista e arquiteto.

A fraca barreira existente entre a Arte e a Arquitetura, não é algo novo, obras que utilizam elementos de ambas as áreas são facilmente identificadas, e são valiosas justamente por possuírem em sua composição recursos e soluções de ambas as atividades, áreas do saber. Em certas obras, tão similares, é difícil determinar se o autor é artista ou arquiteto. É o caso da artista Mona Hatoum e do arquiteto Tom Heneghan, profissionais que compartilham visões e exploram a luminosidade de forma semelhante. Por mais distinta que seja a liberdade da arte do compromisso arquitetônico, ambas as disciplinas estarão sempre unidas por sua função, que é essencialmente criativa. É a ligação do autor com sua capacidade de criar, a possibilidade de pôr em prática suas idéias, usar a imaginação, que move, ou deveria mover todo artista e todo o arquiteto.



*Artista Plástica Mona Hatoum.
Light Sentence.
Inglaterra. 1992*



*Arquiteto Tom Heneghan.
Heaven Chamber.
Japão. 1995*

A partir dos anos 70, é possível acompanhar esta tendência das disciplinas artísticas de ir além da arte decorativa e de padrões estéticos. A flexibilidade das novas atividades artísticas, englobam temas como o envolvimento do observador com a obra, sua percepção sensível do espaço, culminando na libertação da arte do ambiente da galeria. Não se pode negar o intercâmbio de informação global que tem afetado nossa cultura. Hoje a arte é divulgada, difundida, conhecida pela internet, pela televisão, literatura, marketing e até mesmo em produtos industriais. Já algumas obras existem e relacionam-se com o espectador diretamente, não precisam de um meio para ser apresentada, a própria obra é um espaço de uso ou apreciação, junto ao ambiente urbano, às edificações, sobrevivendo e intervindo no cotidiano do ser humano. Fato que acontece hoje na land art, na instalação, nas obras site-specific, assim como em outras práticas que se aproximam do observador, que não apenas observa, mas interage, participa, influencia e convive com a obra de arte.

“ A arte forma parte da vida e a vida está exposta a mudanças e novas orientações que devem ser visíveis e efetivas em todo lugar.”⁹

De forma mais específica, trago a correspondência entre a arte e arquitetura ligada ao tema em questão, a paisagem construída. Tema este que envolve a prática das artes plásticas, dentro de conceitos como land art e instalação, e paisagismo contemporâneo proveniente da arquitetura. Título paisagem construída a intervenção do homem na paisagem, quando organiza elementos, faz alterações na natureza, materializa lugares, transforma configurações, entre outros, em prol de suas necessidades, sejam elas funcionais, estéticas ou ideológicas. Escolhi a interferência do homem na paisagem como forma de exemplificar as qualidades físicas e conceituais comuns entre os processos. A arte trabalha a paisagem sob a forma de land art e instalação, com diversos materiais, técnicas, composições, etc.

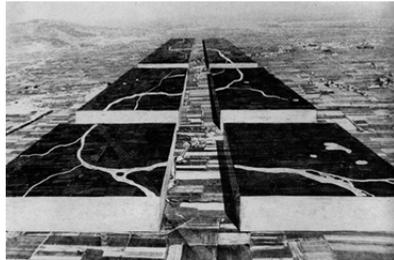
⁹ SCHULZ-DORNBURG, Julia. *Arte y arquitectura : nuevas afinidades*. Barcelona : GG, 2000.

O mesmo ocorre com o paisagismo contemporâneo, atividade conjugada à prática de arquitetura, onde a paisagem não é mais trabalhada apenas da forma tradicional. Hoje, um jardim, um parque, ou qualquer outro ambiente que possua tratamento paisagístico, pode explorar os mesmos conceitos e a mesma flexibilidade que ocorre nas artes plásticas. Atualmente, a concepção de paisagismo é mais ampla, envolve qualquer material, não apenas elementos da natureza, mas também materiais de construção, elementos culturais, próprios do local a ser trabalhado, utiliza formas, configurações, dimensões, localidades diversas, existindo na forma de espaços úteis, de transição, com funções específicas relacionadas ao local, assim como pode simplesmente estar ligado a uma idéia, ser um espaço de admiração, reflexão, interação, como ocorre nas instalações artísticas.

“(...)construção de grandes esculturas em que se podia entrar, sentar e tocar.”¹⁰

¹⁰ SCHULZ-DORNBURG, Julia. *Arte y arquitectura : nuevas afinidades*. Barcelona : GG, 2000.

É possível observar nos exemplos a seguir, não apenas a semelhança estética entre as obras, mas também conceitos fixos que são explorados e levados em consideração por ambas as atividades aqui apresentadas. A produção artística contemporânea, trabalha temas como tempo e espaço, paisagem, reflexão, luminosidade, observação, escavação, som, memória; conceitos que podem ser observados em obras de paisagismo e arte. A partir dos anos sessenta, com as ilimitadas possibilidades que começariam a ser exploradas, surgem os pioneiros das obras que se encontram na transição entre arte e arquitetura, como por exemplo Archizoom associados, grupo italiano fundado em 1966, Daniel Buren, artista francês, Gordon Matta-Clark, artista americano, entre outros.



Archizoom Associados. (Figura 19)
Nostop city. 1970-72



Daniel Buren. (Figura 22)
Fachada em Dublin. 2006.



Gordon Matta Clark. (Figura 25)
Splitting. 1964.



Archizoom Associados. (Figura 20)
1969. Residential Building for Historical Centre



Daniel Buren. (Figura 23)
Les Deux Plateaux 1982-85



Gordon Matta Clark. (Figura 26)
Conical Intersect. 1975.



Foto do grupo de artistas e arquitetos Archizoom. 1966-1974 (Figura 21)

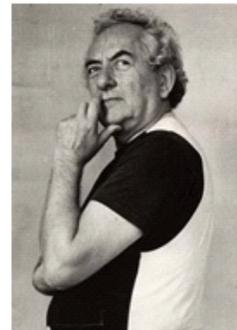


Foto do artista Daniel Buren. (Figura 24)



Foto de Gordon Matta Clark. (Figura 27)



processo e finalização

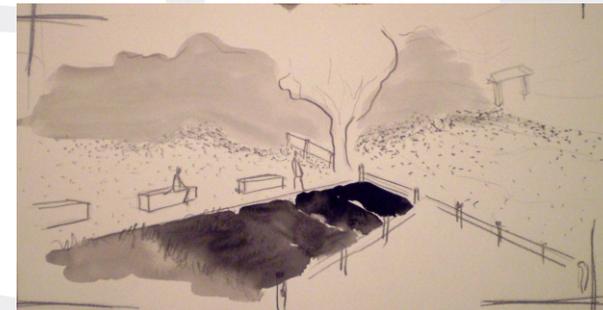
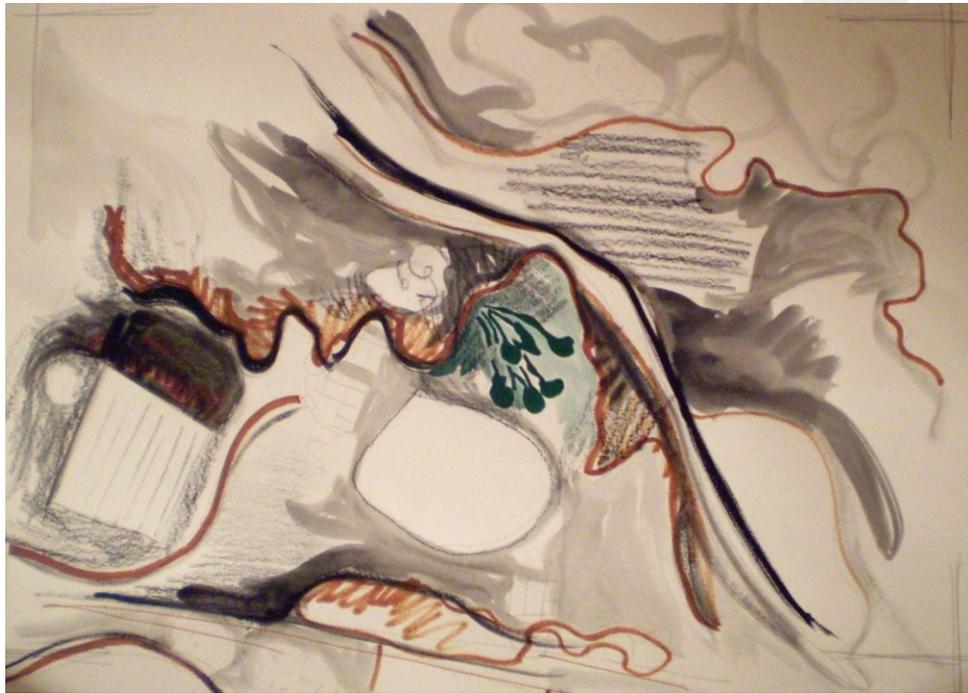
processo e finalização

Minha primeira proposta, como trabalho de graduação, foi realizar um projeto que se constituísse na confecção de uma composição da natureza utilizando a própria vegetação. O local escolhido foi o sítio de minha família em Nova Prata, região serrana situada ao sul do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul. Após a análise do terreno, das condições e peculiaridades do local, decidi-me por realizar o que nomeei como uma interferência. Aliado a este trabalho prático, pretendia documentá-lo, com desenhos e fotografias que seriam mostradas por ocasião da Banca de Avaliação. Minha intenção era organizar esses elementos naturais de modo que o espectador pudesse interagir com ele, tanto no plano físico, pisando, mexendo, como também no plano sensitivo, através do tato, a audição, o olfato. Este sujeito poderia assim relacionar-se com a obra, quer seja repousando no entorno dela, admirando-a, ou questionando-se sobre a presença da mesma.



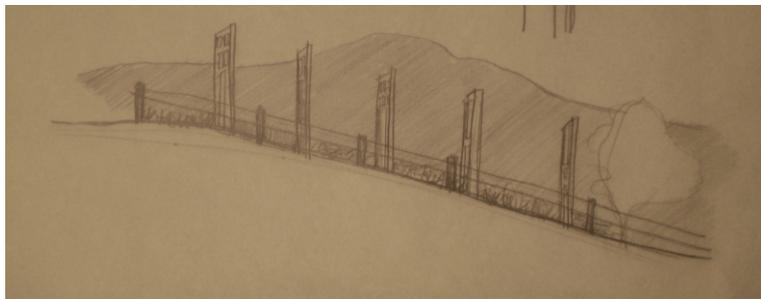
(Figura 22 e 23) Estudos tridimensionais do local e da idéia.

croquis de desenvolvimento



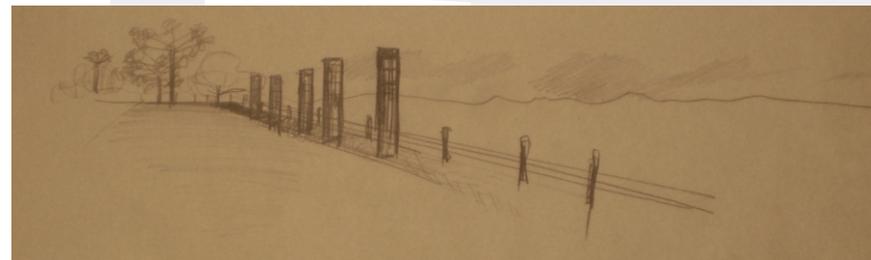
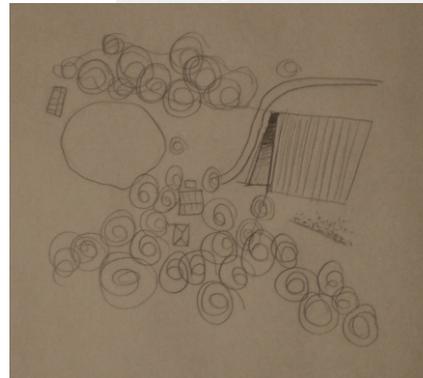
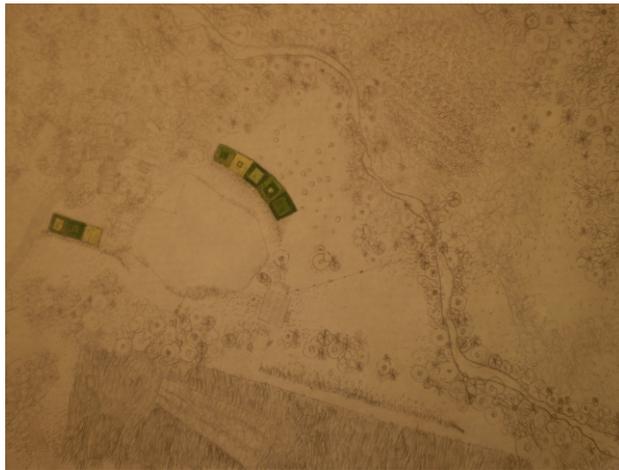
(Figura 24) Croquis de estudo das idéias.

croquis de desenvolvimento



(Figura 25) Croquis de estudo das idéias.

croquis de desenvolvimento



(Figura 26) Croquis de estudo das idéias.

O próprio processo de criação da obra, desde o início, mostrou-me que não poderia levar adiante esta idéia. Ainda que o embasamento, relativo ao trabalho teórico, estivesse bem fundamentado, principalmente com relação a criação de um jardim híbrido – que reúne conceitos de arquitetura e artes visuais – e ainda os estudos sobre Land Art e instalação, a realização da obra, no local escolhido, tornou-se inviável. Vários fatores colaboraram para isso: o próprio espaço escolhido, as condições climáticas, cada vez mais imprevisíveis na atualidade, o custo alto da compra de espécies de mudas e plantas, e também a pouca acessibilidade, pelo fato de eu não viver mais no local, morar atualmente na cidade de Porto Alegre, também no Estado do Rio Grande do Sul, estudando nos cursos de Artes Visuais e Arquitetura e Urbanismo.



(Figura 27, 28, 29)
Fotos da montagem do trabalho.

Tendo em vista os empecilhos citados, ao contrário de desanimar com relação ao projeto, busquei outras soluções que o viabilizaram, ainda com o mesmo objeto, o jardim, conjugando temas de interferência e paisagismo. Esta fase de busca por alternativas resultou em mais croquis de estudo, rascunhos diversos, desenhos em técnicas variadas, que possibilitaram a visualização de uma nova proposta.

O local escolhido foi mantido. A partir daí, minha família e amigos estiveram presentes na construção do meu “jardim”. Este fator, de envolvimento de pessoas muito significativas para mim, foi determinante para o sucesso do trabalho. A montagem iniciou pelo tratamento do solo, limpeza do terreno, delimitação do espaço e definição de dimensões. Em seguida, fizemos a coleta dos elementos, reunimos as portas, expostas ao ar livre no sítio, escolhemos quais utilizar na montagem, a partir de características ligadas à história de cada porta.



(Figura 30) Fotos de casas típicas da região. Arquitetura de colonização italiana.

Retiradas de casas antigas em deterioração, situadas nos arredores da cidade de Nova Prata, cada porta trazia consigo uma relação com o lugar, com a tradição italiana, com a forma de construção dos descendentes das famílias locais, com uma arquitetura característica da colonização italiana. As portas refletem a passagem do tempo, a memória das famílias com raízes e vida ligada à região, ao mesmo tempo em que são ricas em detalhes arquitetônicos, refletem um modo de vida, uma tradição construtiva. A escolha das parreiras e pinheiros como plano de fundo para a composição, em parte vêm desta ligação com a tradição das famílias da região serrana, as influências da colonização italiana no trabalho, e a vegetação de importante existência na história de cada descendente.

Após a escolha de cada porta, a partir de características como detalhes de marcenaria, alturas incomuns – três metros e quarenta centímetros, frente à altura tradicional da atualidade, dois metros e dez centímetros – entre outros detalhes, em parte produzidos pela ação do tempo e deterioração; foi necessária a construção dos marcos em madeira.



(Figura 31) Fotos do local, anteriores à montagem.

A função dos marcos está relacionada à valorização da paisagem que pretendo evidenciar, o destaque de certos pontos focais, visa um resgate da natureza, da combinação de cores e texturas naturais, uma aproximação do observador com o espaço, realçando situações em diferentes horários do dia, com a incidência de luz e com ações temporais.

A verticalidade dos marcos e das portas, trabalham visualmente com o entorno, composto pela verticalidade da configuração do plantio das parreiras, assim como dos pinheiros araucária, em que a estrutura de caule vertical prevalece em dimensões em relação à copa da árvore. Os elementos verticais relacionam-se com a horizontalidade da silhueta das montanhas, criando eixos ortogonais. O plano de fundo visível no emoldramento da paisagem aparece nos marcos e aberturas das portas.

As portas foram transportadas ao local para sua instalação. A instalação, conforme dito anteriormente, levou em consideração a paisagem e os elementos da natureza a serem destacados. A seguir iniciou-se a coleta de materiais orgânicos, tais como os vegetais, folhas e galhos.



(Figura 32) Coleta de materiais orgânicos no local.



(Figura 33) Estudos cromáticos de tons degradês naturais da paisagem.

Neste momento obtive, através das pessoas que acompanhavam a construção do jardim, novos conhecimentos, como formas de plantio, características específicas de variadas espécies de plantas, entre outros. Organizei os elementos naturais tendo como referência, a diversidade cromática da própria paisagem natural, e a observação das formas distintas destes elementos.

Após montado o trabalho, iniciei os registros fotográficos. A fotografia, neste caso, possibilita um convite para que o espectador conheça e se sensibilize com o local elegido, o jardim. Outros enquadramentos e pontos de vista são direcionados através da linguagem fotográfica. A escolha da fotografia, ao contrário de outra mídia, como o vídeo por exemplo, se deve ao fato da mesma demandar um tempo particular do espectador, para a fruição da imagem. O sujeito analisa e processa, a partir de seu background, a imagem apresentada. A imagem pode transportar o sujeito para outro lugar, situação e percurso. Outro fator digno de mencionar, é que, após construído o jardim, este possibilitou-me uma experiência plástica pessoal. Pude transcorrê-lo através das passagens formadas pelas portas e marcos. Proporciono um olhar poético e artístico, sob paisagens e lugares tradicionais, ora passados despercebidos.



(Figura 34) Fotos do trabalho montado em diferentes momentos do dia.

A exposição final do trabalho é o registro de todo o material documentado desde início, durante e na finalização da interferência. Serão apresentados desenhos, produzidos no decorrer do trabalho, como estudos e desenvolvimento da idéia. Muitos destes registros gráficos foram influenciados pela minha experiência na área da arquitetura. As fotografias são do local escolhido como referência, assim como da montagem coletiva do trabalho, e também do trabalho pronto, sob diferentes pontos focais, e diversas incidências de luz e horários do dia.

Passada a montagem e a coleta de registros, as portas, ficaram à ação do tempo e sofreram um desgaste natural. As folhas foram as primeiras a desaparecer, levadas pelo vento. Outros materiais orgânicos iniciaram processo de decomposição. Algumas portas caíram em decorrência das chuvas e ventos fortes. As portas restantes foram derrubadas pelo gado, animal criado no mesmo espaço. Por um curto período, as portas, que ora tiveram valor funcional e estético na arquitetura da cidade, voltaram a ser admiradas de forma especial, assim como foram responsáveis por conferir destaque à paisagem da minha vida.



(Figura 35) Fotos do trabalho finalizado.



(Figura 35, 36, 37, 38) Fotos do trabalho finalizado.

bibliografia

NIEMEYER, Carlos Augusto da Costa. *Paisagismo no planejamento arquitetônico*. Uberlândia : 2005.

DERDYK, Edith. *Disegno, desenho, desígnio*. São Paulo : SENAC, 2007.

RICHARDSON, Tim. *Avant gardeners : 50 visionaries of the contemporary landscape*. New York (NY) : Thames & Hudson, 2008.

NOVAES, Adauto. *O olhar*. São Paulo : Companhia das Letras, 2003.

VIEIRA, Maria Elena Merege. *O jardim e a paisagem : espaço, arte, lugar*. São Paulo : Annablume, 2007.

SCHULZ-DORNBURG, Julia. *Arte y arquitectura : nuevas afinidades*. Barcelona : GG, 2000.

PAVIANI, Jayme. *Estética mínima : notas sobre arte e literatura*. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2003.

MAHFUZ, Edson da Cunha. *O clássico, o poético e o erótico: e outros ensaios*. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2001.